

**IR EMBORA POR VONTADE PRÓPRIA SERIA BASTANTE DIFERENTE DE SER EXPULSO¹ :
COMO E PARA QUE TEXTOS ATUAIS CITAM A CIDADE REMODELADA DA BELLE ÉPOQUE**

Fabiana de Pinho(PUC-RIO\IFRJ)²

Resumo:A partir da leitura dos contos *Antes da Queda*, de J.P. Cuenca, e *A volta*, Lima Barreto, o presente trabalho busca compreender qual o lugar dos excluídos dos projetos de transformação do Rio de Janeiro moderno, do prefeito Pereira Passos, e contemporâneo do prefeito Eduardo Paes, considerando as referências às reformas da *Belle Époque*.

Palavras-chave: Gentrificação e Literatura; Rio de Janeiro e Literatura urbana; Literatura contemporânea e Gentrificação

1.

Em 2009, o Rio de Janeiro conquistou o direito de sediar alguns jogos da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Durante o processo seletivo, o prefeito Eduardo Paes, o governador Sérgio Cabral e o presidente Luís Inácio Lula da Silva participaram efetivamente das campanhas para promoção da cidade. Após o anúncio de que o Rio sediaria tais eventos esportivos, os habitantes tiveram que lidar, nos anos seguintes, não só com novos projetos urbanísticos sobre os quais não foram consultados; mas com a alta no custo de vida e com a especulação imobiliária que elevou exponencialmente os valores dos imóveis para compra e locação.

Toda essa dinâmica foi tratada por alguns textos da Literatura contemporânea brasileira. No entanto, as intervenções urbanas no Rio de Janeiro representadas na literatura não são novidade. O *Bota-Abaixo* do prefeito Pereira Passos foi tematizado por

¹ Frase adaptada de “Ir embora por vontade própria seria bastante diferente de ser expulso...”, do conto *Antes da queda* de João Paulo Cuenca

² Fabiana de Pinho, Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-RIO, orientada do Professor Doutor Renato Cordeiro Gomes. Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal do Rio de Janeiro(IFRJ).
Contato:fabianadepinho@hotmail.com

Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto e Marques Rebelo, indicando uma tradição na narrativa urbana sobre o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Os contextos históricos, políticos, sociais e culturais são diferentes em cada período e isto pode levar a formas e linguagens distintas nas representações construídas nos textos. Porém, a remodelação do Rio na *Belle Époque* alterou a cidade e o conjunto de experiências de seus habitantes. Semelhante ao momento atual, os donos do poder daquela época tentaram gerar uma cidade racional, higiênica e controlável(Gomes, 2008).

As narrativas tiveram um papel fundamental na construção da cartografia simbólica da cidade e também funcionaram como um modo de criticar às ações excludentes. Seguindo os rastros das transformações urbanas mencionadas, o presente trabalho pretende compreender duas questões: 1)os motivos pelos quais textos literários contemporâneos, frente à gentrificação do Rio de Janeiro por conta dos Jogos Olímpicos, citam, com veemência, as mudanças no Rio da *Belle Époque*; e 2) Se Lima Barreto e João do Rio, por exemplo, também foram críticos de sua época, quais são as vozes que hoje cumprem este papel na cena literária contemporânea em que o Rio de Janeiro passa pelo processo de Gentrificação? Além desses pontos, cabe ressaltar, para os fins desta reflexão, a importância de se analisar também como as mídias atuais de maior expressão evocaram, nos inícios do século XXI, as transformações de Pereira Passos. Para tentar responder às questões mencionadas, serão analisados os contos *A volta*, de Lima Barreto, e *Antes da queda* de J.P. Cuenca e algumas peças de jornais de grande circulação.

2.

De acordo com Maria Alba Sargatal Bataller, a Gentrificação é um fenômeno fundamentalmente urbano definido pelo desenvolvimento de uma série de melhorias físicas, materiais e imateriais – econômicas, sociais e culturais – que ocorrem em alguns centros urbanos antigos e degradados. Sua principal característica é a substituição de classes sociais, pois, no lugar dos antigos moradores com menos condições financeiras, passam a viver outros com maior poder aquisitivo. Para que os novos moradores usufruam de áreas antes tidas como degradadas, uma série de investimentos e melhorias transformam o local. Vários serviços, antes escassos para a população anterior, são criados para atender à nova classe que habitará imóveis que passam a custar muito mais caro. Observa-se que nas regiões gentrificadas, as cidades são pensadas para o turismo e\ou para a nova classe, restando aos demais cidadãos o *desplazamiento* para áreas com menos estrutura.

Os estudos sobre este processo também apontam para dois aspectos importantes:

a) Apesar de ser uma prática recorrente em vários países, cada cidade, bairro ou rua pode apresentar aspectos diferentes para a Gentrificação. No caso de países da América Latina, uma das especificidades é a importação de modelos utilizados em países centrais. O que gera uma nova forma de colonialismo;

b) Para que a Gentrificação seja instaurada, em geral, é preciso que o poder público – gestões governamentais - e iniciativa privada – empresas - acordem objetivos, estratégias e responsabilidades. Estes acordos, cujo norte é o Planejamento estratégico, têm origem em práticas neoliberais de gestão das cidades e objetivam a união de forças para que estas não só possam disputar com outras, mas gerar riquezas para os empreendedores deste negócio.

3.

A cidade é um discurso e, efetivamente, linguagem que fala a seus habitantes, da mesma forma que eles falam de suas cidades. Elas produzem significados sobre seus cidadãos, assim como eles produzem significados sobre elas, fazendo com que quem as habita seja tão leitor delas, que acabe diferindo-as da cidade geopolítica. De acordo com Barthes (1993), em seus deslocamentos, os leitores das cidades isolam fragmentos de enunciado para atualizá-los secretamente. A relação entre cidadãos e cidades se configura como dinâmica na medida em que ambos se afetam (Silva, 2011), pois a cidade é lugar de encontro com o outro, de intercâmbio de atividades sociais em que são vividas forças de ruptura, forças subversivas, forças lúdicas (Barthes, 1985).

A ficcionalização da cidade narrada pelo poder público e ancorada em características de cidades europeias é uma outra estratégia de convencimento. Em 2014, o prefeito Eduardo Paes, em reportagem do jornal *O Dia*, disse, após a demolição da Perimetral, que esta era como o *Muro de Berlim*, pois separava a cidade da Baía de Guanabara. Nesta mesma reportagem, ele disse que o Rio de Janeiro começou no Porto e, por isso, era necessário garantir que a cidade reencontrasse sua história. A revitalização da Zona Portuária, desta forma, seria uma condição fundamental para melhoria da

imagem e da cultura da cidade. A preservação de elementos culturais e históricos facilitaria a construção de consensos junto à população, pois autoestima seria elevada pela narrativa de preservação de seu passado e de sua imagem(SILVA, 33,2015). Devemos lembrar também que, em 2012, em campanha para a prefeitura do Rio de Janeiro, o mesmo Eduardo Paes trouxe para sua campanha política um ator caracterizado de Pereira Passos.

4.

O principal plano de reforma urbana do Rio de Janeiro foi executado pelo prefeito Francisco Pereira Passos entre 1902 e 1906, no período conhecido como *Bota-abaixo*. A inspiração para esse projeto ambicioso não podia ser outra senão as reformas de Paris, promovidas por Haussmann³. Sob o argumento da higienização da cidade do Rio – higienização que de fato houve – a gestão Pereira Passos, em quatro anos, deu sequência a um plano que já havia sido iniciado antes com a derrubada de alguns cortiços (como o conhecido *Cabeça-de-Porco*). Nesse período, inúmeros moradores do Centro receberam ordens de despejo, e seus cortiços foram postos abaixo para a construção de avenidas, praças e novos edifícios. A febre reformadora para que o Rio se transformasse em uma cidade moderna fez com que fosse instaurado um processo de remodelação bastante ambicioso e excludente, como assinala Renato Cordeiro Gomes.

É de olho no moderno que os donos do poder geram para o Rio de Janeiro o sonho da cidade racional, higiênica e controlável – a cidade da virtude civilizada que vinha do

³ Em seu ensaio sobre o direito à cidade, sobre as reformas de Haussman, David Harvey diz que:

...o sistema financeiro especulativo e as instituições de crédito superdimensionadas quebraram, em 1868. Haussmann foi demitido; Napoleão III, em desespero, foi à guerra contra a Alemanha de Bismarck e saiu derrotado. No vácuo que se seguiu surgiu a Comuna de Paris, um dos maiores episódios revolucionários da história do capitalismo urbano – nascida, em parte, de uma nostalgia daquele mundo que Haussmann tinha destruído, e do desejo de retomar a cidade por parte dos que se viram despossuídos pelas obras que ele impôs.

Nota-se que se por um lado as reformas de Haussman para a construção do imaginário da Cidade Luz funcionaram como matriz para as reformas cidades latino-americanas; por outro, parece necessário compreender que ela também se deu de modo excludente e que é fruto de um projeto nacional.

projeto iluminista. São os tempos eufóricos da visão oficial, que ocupam o centro da cena, das primeiras encenações do Rio como capital federal. (Gomes, 2008, p.115)

A cidade nova e disciplinada só poderia surgir se a antiga fosse demolida e, juntamente com seu passado, apagada. Surgiria das reformas do prefeito Pereira Passos (1902-1904) uma metrópole ideal como referência para a metrópole real. Esta deveria se ajustar aos valores preconizados por aquela. Caso contrário, estaria no campo da transgressão e da desordem. E, uma vez desordenada, deveria, portanto, ser deposta da nova cena. “Esta cidade real, por onde circulava a rica tradição popular não cabia na versão da ‘ordem’. Era vista como *obscena*, ou seja, deveria estar fora da cena para não manchar o cenário...” (Gomes, 2008, p.116).

Com o objetivo de criticar as reformas, em 1915, Lima Barreto publica no *Correio da Noite* a crônica *A volta* na qual critica a política de governo de criar condições para que pessoas mais pobres, que vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, voltassem para as cidades onde nasceram. O que poderia ser positivo, na verdade, escondia a forma desigual e perversa como o governo tratava as populações:

O governo resolveu fornecer passagens, terras, instrumentos aratórios, auxílio por alguns meses às pessoas e famílias que se quiserem instalar em núcleos coloniais nos Estados de Minas e Rio de Janeiro.

Os jornais já publicaram fotografias edificantes dos primeiros que foram procurar passagens na chefatura de polícia.

Os jornais já publicaram fotografias edificantes dos primeiros que foram procurar passagens na chefatura de polícia.

É duro entrar naquele lugar. Há um tal aspecto de sujidade moral, de indiferença pela sorte do próximo, de opressão, de desprezo por todas as leis, de ligeiras em deter, em prender, em humilhar, que eu, que lá entrei como louco, devido à inépcia de um delegado idiota, como louco, isto é, sagrado, diante da fotografia que estampam os jornais, enchi-me de uma imensa piedade por aqueles que lá foram como pobres, como miseráveis, pedir, humilhar-se diante desse Estado que os embrulhou.

Porque o Senhor Rio Branco, o primeiro brasileiro, como aí dizem, cismou que havia de fazer do Brasil grande potência, que devia torná-lo conhecido na Europa, que lhe devia dar um grande exército, uma grande esquadra, de elefantes paralíticos, de dotar a sua capital de avenidas, de *boulevards*, elegâncias bem idiotamente binoculares e toca a gastar dinheiro, toca a fazer empréstimos; e a pobre gente que mourejava lá fora, entre a febre palustre e a seca implacável, pensou que aqui fosse o Eldorado e lá deixou as suas choupanas, o seu sapé, o seu aipim, o seu porco, correndo ao Rio de Janeiro a apanhar algumas moedas da cornucópia inesgotável.

Lima Barreto denuncia que para o Rio de Janeiro foram destinados vários investimentos frutos de empréstimos e do abandono sistemático de outras regiões do país. Ele revela alguns pontos das transformações da cidade: as condições aviltantes às quais os mais pobres são submetidos, os gastos excessivos e irresponsáveis do governo com o

embelezamento da cidade e a ideia de que remodelar o Rio de Janeiro fazia parte de um projeto de construção de imagem nacional.

De acordo com o escritor, a vinda dos mais pobres que viviam em regiões abandonadas pelo poder público foi uma consequência da falta de investimento dos governos naquelas regiões. O êxodo para o Rio de Janeiro acabou sendo inevitável. Mas para manter a cidade ideal, a solução foi tentar se livrar dos pobres que, aqui chegando, encontravam dificuldades para sobreviver e, juntamente com outros desassistidos, que aqui já estavam, geravam um incômodo no projeto de cidade que competia com Buenos Aires para ser a Paris nos trópicos:

Ninguém os viu lá, ninguém quis melhorar a sua sorte no lugar que o sangue dos seus avós regou o eito. Fascinaram-nos para a cidade e eles agora voltam, voltam pela mão da polícia como reles vagabundos.

É assim o governo: seduz, corrompe e depois... uma semicadeia.

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas.

A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos.

E com semelhantes raciocínios foram perturbar a vida da pobre gente que vivia a sua medíocre vida aí por fora, para satisfazer obsoletas concepções sociais, tolas competições patrióticas, transformando-lhes os horizontes e dando-lhes inexequíveis esperanças.

Voltam agora; voltam, um a um, aos casais, às famílias para a terra, para a roça, donde nunca deviam ter ido para atender tolas vaidades de taumaturgos políticos e encher de misérias uma cidade cercada de terras abandonadas que nenhum dos nossos consumados estadistas soube ainda torná-las produtivas e úteis.

O Rio civiliza-se!

Após uma sucessão de argumentos contrários à necessidade desvairada de mundanismo, pois esta é agente de exclusão e promotora da expulsão dos que estão fora do projeto de cidade, Lima Barreto retoma, com franca ironia, a expressão “*O Rio civiliza-se*”, criada por Figueiredo Pimentel em 1904 em função de seu entusiasmo com as reformas e mudanças nos hábitos que tentavam transformar o Rio de Janeiro em Paris. Ao alocar esta frase no final da crônica, o autor, além de ressignificá-la, reforça seu lugar ao lado dos que estavam fora do projeto reformista. De acordo com Beatriz Resende, ele utilizou-se da crônica como um espaço para se colocar, sem neutralidade, ao lado do cidadão comum (Resende, pág. 83, 2016), justamente porque o comportamento político da população da época, segundo Lima, não reivindicava a participação nas decisões governamentais (Resende, pág.37, 2016). Desejam, na verdade, que o Estado deixasse o povo em paz ou que o atendesse de modo assistencial e paternalista:

O habitante da cidade não se reconhecendo como partícipe da comunidade política, também não se reconhecia como cidadão. Diante das dificuldades vividas, o povo reagia, o mais das vezes, com apatia ou com uma espécie de carnavalização um tanto cínica. Poucos meses após a *Revolta da vacina*, o episódio teria o mesmo destino de outros fatos ou personagens ilustres, transformando-se em tema de folguetos carnavalescos. (Resende, pág.37, 2016)

É nesse sentido que uma voz como a de Lima Barreto, assumidamente crítica, é fundamental para que percebamos que em *O Rio civiliza-se*, pari passu e conseqüente ao projeto reformista, estava a exclusão perversa dos mais pobres. Ao desvelar isto, o escritor propõe que se critique todo o processo.

5.

O conto *Antes da queda* de João Paulo Cuenca é uma das propostas artísticas que nos ajuda a pensar o processo de Gentrificação da cidade do Rio de Janeiro:

Se nos primeiros anos do século XX as ruas estreitas e os milhares de cortiços do centro da cidade, focos de pestes, como varíola e gente pobre, foram demolidos para a abertura de boulevares haussmanianos margeados por palacetes e edifícios art nouveau (que também seriam postos abaixo para construção de arranha-céus sem arquitetura tão caros ao milagre econômico da Ditadura Militar décadas depois), no início do século XX o bota-abixo de barracos para emular Paris na encosta dos morros seria uma impossibilidade política e estética – ainda que suas condições não fossem muito diferentes dos cortiços passados cem anos: lixo acumulado, esgoto deficiente, violência, tuberculose, caos urbano. Não por acaso, os homens e as mulheres que foram expulsos do centro com a reurbanização empreendida em 1902 foram os mesmos que desmataram a floresta tropical dos morros e a transformaram em favelas.

Neste trecho do conto\ensaio de Cuenca, verifica-se uma referência às reformas de Haussman, em Paris, e as de Pereira Passos e de Henrique Dosworth, no Rio de Janeiro. O sujeito da enunciação retoma tais transformações urbanas como se quisesse evidenciar que as mudanças atuais e suas conseqüências pertencessem a uma tradição. Com isso, é retirado do processo atual qualquer possibilidade de naturalização ou ineditismo. O narrador propõe uma nova mirada para a formação das favelas cariocas e, desta forma, problematiza o discurso de que estas representam um senão para a cidade. Para ele, as adversidades são fruto de uma reforma urbana excludente.

No início do século seguinte, conforme o texto, acontece algo semelhante e as transformações urbanas no Rio de Janeiro impactam novamente na vida dos cidadãos:

Nos anos dez do século XXI, mais discreto e eficaz que derrubar os barracos da Zona Sul foi militarizar a área, construir muros de três metros de altura nas fronteiras das favelas e retirar gradualmente o oxigênio de seus moradores. Do processo inicial de asfixia fizeram parte reformas que maquiaram o improvisado, encarceraram a área e abriram caminho (...) para a chegada de novos personagens: oficiais das forças armadas brasileiras e suas ramificações mafiosas, empreiteiros, agentes imobiliários, estrangeiros, novos capitalistas, bancos, imprensa, bistrôs, galerias de arte abstrata, American Apparel, lojas de frozen yogurt, japonês no lugar do velho sapateiro, estudantes de design sustentados pelo país ocupando sozinhos o ex-barraco onde vivia uma família de seis e agora é um Luxury Loft, um Upscale Condo's, um cubículo elegante com vista lateral para o mar e 350 mil dólares por 25 metros quadrados. Tratava-se da versão carioca de gentrificação, a ocupação de uma área urbana degradada por moradores de uma classe social mais rica com o afastamento de seus habitantes originais(...)

Com essas palavras, observa-se que, em vez da solução, os problemas urbanos foram maquiados, inclusive, com a imposição da presença da Polícia Militar em algumas favelas. Além disso, toda uma gama de agentes capitalistas tomou conta dos territórios para promover um aumento no valor dos imóveis e substituir parte dos moradores. O conto\ensaio quase que põe a nu aquilo que os jornais de maior circulação e o poder público querem esconder: o projeto atual também é excludente e perverso.

6.

Sobre diferenças e semelhanças entre os sujeitos da enunciação dos textos de Lima Barreto e de Cuenca, eles apresentam proximidades no sentido de que tendem a ser mais diretos em seus comentários e parecem estar implicados nas problemáticas abordadas. É pela voz deles, guardadas as diferenças étnicas, sociais e geracionais, que podemos encarar tais textos como relatos que são posicionados de encontro aos discursos reformistas. Ambos apontam falhas nas transformações urbanas.

No caso do texto de Cuenca, há uma urgência em descrever o processo de Gentrificação. Por vezes de modo irônico, o narrador parece mais interessado em detalhar os acontecimentos e efeitos das mudanças promovidas pelo poder público e pela iniciativa privada. Nesse sentido, citar o período das reformas de Passos é uma maneira de demonstrar que tais práticas são recorrentes, precisam ser desnaturalizadas e, na verdade, não trazem benefícios para todos.

Nesse sentido, essas duas narrativas, frente aos discursos hegemônicos, procuram contestar os relatos gentrificadores. Ao mesmo tempo em que muitas pesquisas nos campos da Geografia, das Ciências Sociais, da História, do Urbanismo e da Economia contestaram os motivos e as táticas usadas na transformação do Rio de Janeiro em cidade olímpica; algumas narrativas artísticas contemporâneas, como a de Cuenca, deram outros significados aos processos de Gentrificação do Rio de Janeiro. Minimamente, compuseram um contra-relato às narrativas do Estado e das empresas.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia, “A Cidade do Pensamento Único”, Petrópolis, 2000.

BARRETO, Lima. A Volta. 1915.

BATALLER, Maria Alba Sargatal (2012). “O estudo da gentrificação”. Revista Continentes (Rio de Janeiro. Online), ano 1, n. 1.

CUENCA, J.P. Antes da queda. In Granta 9– Os melhores jovens escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HARVEY, David. O direito à cidade. Artigo publicado na revista *New Left Review* em 2008.

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. 2ed.rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SARLO, Beatriz. La ciudad vista: mercancías e cultura urbana. Buenos Aires: Ed. Siglo veintiuno, 2009. São Paulo: Companhia das letras, 2013.